

LIÇÃO 16 — ESTADO INTERMEDIÁRIO (1ª parte)

1) INTRODUÇÃO

- a) Estado intermediário: é o título que se dá ao estado que vai desde a morte até seu destino eterno; para os salvos, este período vai de sua morte até a ressurreição; para os perdidos, de sua morte até o juízo final.
- b) Constituição do homem: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente” – Gn 2. 7
 - i. Monismo/Holismo – É a concepção de que o homem é composto de um único elemento, e de que seu corpo é a própria pessoa. Alma e espírito são modos de designar a vida da pessoa.
 - ii. Dicotomia – É a ideia de que o homem é composto de duas partes, corpo (material) e alma/espírito (imaterial).
 - iii. Tricotomia – É o pensamento de que o homem é constituído de três partes (corpo, alma e espírito). Segundo esta teoria, a alma envolve o intelecto, as emoções e a vontade; e o espírito a consciência, a intuição e a adoração.
- c) Morte: é decorrente da condenação de Deus à rebelião do homem, é a sentença de Deus contra o pecado, “...até que tornes à terra, porque dela foste tomado;” (Gn 3.19). “E o pó volte a terra, como o era, e o espírito volte a Deus que o deu” (Ec 12.7). “O salário do pecado é a morte” (Rm 6. 23).
- d) Problemas: o que acontece a alguém depois da morte? Vai para algum lugar?
- e) Objetivo: definir o que é estado intermediário e esclarecer questões importantes com base bíblica. Estudar sobre o estado intermediário de justos e injustos.

2) ESTADO INTERMEDIÁRIO

- a) Visão religiosa: tanto a mais primitiva como a mais evoluída religião tem sua escatologia. A crença na permanente existência da alma aparece em toda parte e sob diversas formas. Pode manifestar-se na convicção de que os mortos continuam pairando nos arredores ou por perto, no culto aos antepassados, na busca de comunicação com os mortos, na concepção de um mundo subterrâneo habitado pelos mortos, ou na ideia da transmigração das almas; mas, numa ou noutra forma, está sempre presente. Nessas religiões, porém tudo é vago e incerto.
- b) Visão judaica no AT: O termo alma (heb *nefesh*) é traduzido igualmente por vida, sangue, criatura (animal ou ser humano). Pode significar também sentimento, mente, coração ou a própria pessoa (Gn 34.3; 46.22,27; Lv 26.11; Sl 6.3; 7.5; 63.1). O homem, segundo Gn 2.7, tornou-se uma alma e não obteve uma alma. O corpo é a alma em sua forma exterior. A ideia hebraica de personalidade é a de um corpo animado pelo fôlego de vida (espírito/*ruah*) que alimenta o corpo, e não de uma alma presa dentro deste corpo. Portanto, na morte, o espírito/*ruah*, que é impessoal, sendo apenas uma força vital, retorna para Deus. Morrendo o homem, morre a alma (Gn 37.21; Nm 31.19; 35.15,30; 23.10; Lv23.30;19.28; Js20.3; Jz16,30; Ez18.4,21)
 - i. Há 3 registros de ressurreição no AT que acende uma luz. O filho da viúva de Sarepta – 1Rs 17. 17-24. O filho da sunamita – 2Rs 4. 32-37. O homem que foi jogado na sepultura do profeta Eliseu – 2Rs 13. 20, 21.
 - ii. A Lei punia a consulta aos mortos (Lv 19. 31; 20. 6; 20. 27; Dt 18. 11; Is 8. 19) Era possível falar com os mortos, ou porque se invocavam os espíritos de demônios? Saul consultou a necromante de En-Dor (1Sm 28. 7-25; 1Cr 10. 13).
 - iii. Promessa da ressurreição no AT, lança uma luz no “mundo dos mortos” – Jó 19. 23-27; Sl 16. 9-11; 17. 15; 49. 15; Is 26. 19; Dn 12. 2

c) Influência Grega – Platão achava a vida breve demais para a luta moral do homem, por isso ele acreditava na imortalidade da alma e na prisão do corpo. O mundo das ideias e o pensamento filosófico influenciaram todo o mundo no 3º século A.C. Pode-se ver a influência do dualismo grego, em vários escritos judaicos no período interbíblico. O livro Sabedoria, aceito pela Igreja Romana, traz o conceito da imortalidade da alma e alguns outros pensamentos gregos.

d) Abordagem nos Evangelhos – Lucas 16.19-31 – parábola do rico e Lázaro. No contexto anterior, Jesus conta a parábola do administrador infiel e faz advertências a respeito das riquezas (16.1-13); a reação dos fariseus é de zombaria, porque eles eram avarentos (16.14); mas Jesus os adverte com respeito ao esforço para entrar no reino de Deus (16.15-18). A parábola é uma advertência contra o mau uso das riquezas. O texto é dividido em três partes — o antes, o depois e o diálogo do rico com Abraão. A parábola deve ser interpretada segundo seu contexto e sua intenção; o objetivo não é estabelecer doutrina sobre o inferno e o céu, mas mostrar o juízo pelo uso das riquezas e a suficiência das Sagradas Escrituras.

i) A parábola não deve ser interpretada como doutrina do inferno e paraíso: caso contrário, deveríamos admitir que o paraíso e o inferno ficam lado a lado, separados por um abismo; as pessoas de um lado assistem a vida dos que estão do outro lado.

ii) Seio de Abraão, Hades e abismo:

(1) Jesus fala do mundo pós-morte segundo figuras muito conhecidas, tanto por judeus como por gentios; esse mundo é dividido entre paraíso (justos) e lugar de tormento (ímpios), separados por um abismo intransponível; porém, literalmente, essa descrição não apresenta a doutrina conclusiva a respeito do mundo pós-morte.

(2) A expressão “seio de Abraão” não é um lugar, sinônimo de paraíso ou “céu”; mas fala da mesa de Abraão, onde o pobre era recebido e se inclinava, em posição de honra, junto ao seio de Abraão (ver expressão semelhante em Jo 13.23).

(3) O Hades (inferno) descreve o mundo dos mortos e não o suplício eterno.

iii) A parábola não deve ser interpretada por classe social: caso contrário, deveríamos admitir que os ricos vão para o inferno e os pobres vão para o céu, apenas por sua condição social em vida; não há nenhuma menção ao caráter de ambos em vida.

iv) Rico: representa os fariseus (judeus), que têm acesso à lei e aos profetas, mas não cumprem sua missão de compartilhar e dar testemunho da fé aos gentios.

v) Pobre: representa os gentios, que não têm acesso às bênçãos de Abraão e padecem sofrimentos porque não recebem testemunho dos filhos de Abraão.

vi) Lição: os fariseus (judeus) poderão ser excluídos das bênçãos de Abraão e perderem todo privilégio de serem conhecedores da lei e dos profetas; ou seja, eles têm tudo que precisam para chegarem ao pleno conhecimento da salvação e para anunciarem a salvação aos gentios; mas os gentios, pela fé, poderão ter acesso a todas as bênçãos de Abraão. Ao tentar fazer doutrina do inferno dessa parábola, perde-se a lição central que é a responsabilidade para com as pessoas carentes (no sentido material e espiritual) que estão sob nossa responsabilidade.

3) PARA REFLETIR

Advertências extraídas da parábola do rico e do Lázaro:

a) Ouvir o testemunho das Escrituras e praticar seus preceitos em vida.

b) Compartilhar os bens (materiais e espirituais) com as pessoas ao nosso redor e sob nossa responsabilidade.

c) Saber que nosso destino eterno será decidido pelo justo juiz, que não haverá segunda chance porque nosso coração não muda por chance, mas por arrependimento e fé.